

“O LIVRO NEGRO DAS CORES” NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA, EDUCAÇÃO INFANTIL E DIVERSIDADE

Antonio Francisco de Andrade Neto¹
Lara Gabriele Paulino Pereira²

RESUMO

Neste estudo, partindo de discussões sobre a importância da literatura na educação infantil, propõe-se analisar o potencial pedagógico da obra *O Livro Negro das Cores*, de Menena Cottin e Rosana Faria, para a promoção de uma educação literária que sensibilize as crianças sobre a diversidade social. Para tanto, parte-se do entendimento dos espaços de contação de histórias nas escolas enquanto estratégia pedagógica de incentivo à formação leitora (Souza; Bernardino, 2011; Barros, 2013; Costa, 2020; Cosson, 2020), além das contribuições da literatura para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças (Cosson, 2005; Santana, 2020). Metodologicamente, foram analisados os livros táteis ilustrados de literatura infanto-juvenil do acervo da biblioteca do Centro de Educação da UFPE, especificamente do Espaço Literário das Crianças. Dito isso, a escolha pela obra *O Livro Negro das Cores* justifica-se por ser, no período de análise, a única encontrada no acervo que não é uma adaptação de uma história para o sistema Braille, mas sim um livro pensado na leitura das pessoas cegas ou com baixa visão e nas suas realidades, visto que há, nesse texto literário, a descrição poética das cores, utilizando-se de sinestesias e metáforas (Ruiz; Martins, 2013). Porém, ressalta-se que o livro analisado pode apresentar limitações se usado para o estímulo do desenvolvimento de habilidades hápticas em crianças com deficiência visual, respaldando-se na observação analítica dos aspectos de reconhecimento tátil proposta por Araujo (2017). Apesar disso, a partir da análise de *O Livro Negro das Cores*, foi possível perceber que a contação dessa obra em sala de aula pode não apenas proporcionar uma experiência sensorial, mas também estimular um olhar empático e sensível às diferenças.

Palavras-chave: O Livro Negro das Cores, Literatura, Educação infantil, Contação de histórias, Diversidade.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a diversidade tem sido amplamente discutida no campo educacional, porque — ao entender que seu conceito corresponde à pluralidade que envolve os indivíduos — é necessário torná-la evidente para os alunos (crianças e adolescentes) e orientá-los desde cedo quanto a formação de seu caráter a partir das atividades desenvolvidas em espaços pedagógicos. Assim, trabalhar com a diversidade na sala de aula “é contribuir com futuros cidadãos mais conscientes de seu papel

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, andrade.neto@ufpe.br.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, lara.gabriele@ufpe.br.



na sociedade, contribuindo para o diálogo e o respeito ao diferente” (Adurens; Proscencio; Wellichan, 2018, p. 152).

Diante disso, considera-se que a contação de livros literários pode ser um instrumento pedagógico para explorar a diversidade, visto que, segundo Cosson (2020), a literatura faz-se presente na escola para que os alunos se desenvolvam enquanto indivíduos — ampliando sua compreensão do viver — e tomem gosto e hábito pela leitura³. Além disso, evidencia-se, o trabalho com a diversidade, principalmente, na Educação Infantil não só pela necessidade de formar cidadãos críticos desde cedo, como também pela contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e social da criança (Santana, 2020), afinal,

Quando se fala de literatura, fala-se de uma relação bastante estreita entre leitor e leitura. O leitor, no momento da leitura, ativa sua memória, relaciona fatos e experiências e entra em conflito com seus valores. Nesse aspecto **a Literatura Infantil torna-se uma grande aliada da escola em suas várias possibilidades: divertindo, estimulando a imaginação, desenvolvendo o raciocínio e compreendendo o mundo** (Barros, 2013, p. 21, grifos nossos).

A partir do que Barros postula, afirma-se também que a literatura infantil não é só importante quando as crianças tornam-se leitores, pelo contrário, ela mostra-se essencial desde o momento em que a criança tem contato oralmente com ela (Barros, 2013). Ou seja, como afirma Cardoso e Faria (2016, p. 4), “contar histórias nos anos iniciais da educação infantil proporciona à criança despertar a criatividade e ir além de seu tempo e espaço, podendo se imaginar em outros mundos e situações diversas”, além de contribuir para a aquisição da leitura (Souza; Bernardino, 2011).

Nesse sentido, busca-se, neste artigo, refletir sobre o potencial pedagógico da obra *O Livro Negro das Cores*, de Menena Cottin e Rosana Faría, para a promoção de uma educação literária que sensibilize as crianças sobre a diversidade social. A opção por esse livro literário se deve à escassez de estudos que analisem a obra sob uma perspectiva pedagógica e à própria narrativa que apresenta, como protagonista, um menino cego que “vê” as cores por meio dos demais sentidos — o paladar, o tato, o olfato e a audição —, convidando, em tese, o leitor a experimentar o mundo sob uma perspectiva sensorial e inclusiva.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: na fundamentação teórica, discutem-se os pressupostos de uma educação literária infantil voltada à formação do leitor, apoiando-se em Cosson (2005, 2020), Barros (2013) e em autores que tratam da dimensão inclusiva da literatura infantil. Em seguida, situam-se as contribuições teóricas sobre contação de histórias, que orientam a proposta pedagógica aqui discutida. A seção metodológica descreve a seleção

³ Esse valor formativo da literatura é compreendido à luz do paradigma da formação do leitor, conforme proposto por Cosson (2020), que orienta, juntamente com o paradigma do letramento literário, as reflexões desenvolvidas neste artigo.



e o tratamento do corpus, em que se adotou a observação analítica dos materiais, leitura atenta do texto e das ilustrações. Na análise, examinam-se os recursos táteis, poéticos e sinestésicos que possibilitam experiências sensoriais e reflexões sobre a diversidade, e, em seguida, apresenta-se o contexto e as condições de contação da obra na educação infantil. Por fim, nas considerações finais, sintetizam-se os resultados da pesquisa e apontam-se implicações e possíveis desdobramentos para a prática docente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, voltando-se para uma leitura atenta dos aspectos verbo-visuais e táteis d'*O Livro Negro das Cores*, de Menena Cottin e Rosana Faría, bem como para seu potencial pedagógico. Para a seleção do *corpus*, foram analisados os livros táteis ilustrados de literatura infantojuvenil pertencentes ao acervo da Biblioteca Setorial do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especificamente do Espaço Literário das Crianças, lugar voltado à mediação de leitura, à formação de professores (leitores) e ao incentivo à formação de leitores.

Metodologicamente, foram observados a narrativa e a proposta estética dos livros disponíveis no acervo, com o intuito de identificar obras que, para além da adaptação ao sistema Braille, apresentassem uma concepção literária voltada à experiência sensorial da leitura e ao entendimento da realidade do outro. Dito isso, a escolha por *O Livro Negro das Cores* justifica-se por ser, no período de análise, a única obra do acervo concebida originalmente para leitores cegos ou com baixa visão, não se tratando, portanto, de uma simples adaptação de uma história preexistente, mas de um projeto gráfico-literário pensado desde o início para promover a inclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

A diversidade e a inclusão de alunos cegos na Educação Infantil

Para o desenvolvimento da análise, buscando cumprir o objeto deste estudo, parte-se do entendimento da Educação Infantil enquanto a base do processo educativo não somente pelo fato de compor o início da Educação Básica, mas também por ser responsável pela formação para a cidadania a partir da relação de respeito a diversidade, de sentimentos de benevolência em relação ao semelhante e de valorização do coletivo (Oliveira, 2013;



Adurens; Proscencio; Wellichan, 2018). Nessa linha de raciocínio, percebe-se que a percepção para a diversidade se inicia nessa etapa inicial da Educação Básica, visto que, por se tratar de um conceito em que está implicado a noção de igualdade, justiça e liberdade, “A criança não nasce preconceituosa, mas o seu entorno, o meio em que está inserida, pode contribuir tanto para que se desenvolva o preconceito e a discriminação ou o acolhimento e respeito” (Adurens; Proscencio; Wellichan, 2018, p. 154).

No que se refere à inclusão, sabe-se que a criança com deficiência “precisa experimentar, escutar música, brincar, explorar o ambiente à sua maneira” (Adurens; Proscencio; Wellichan, 2018, p. 155), afinal, essas experiências são fundamentais para o seu desenvolvimento e sua aprendizagem. No entanto, é preciso considerar que a efetivação de uma educação inclusiva depende do reconhecimento da pluralidade de realidades e de modos de ser criança, para que não se reproduzam “o sentimento de piedade, um dos frutos do modelo médico, que encara a deficiência como uma catástrofe de vida” (Mello; Nuemberg, 2012 apud Gonçalves; Vaz, 2025, p. 91). Em outras palavras, torna-se essencial o trabalho com a diversidade em sala de aula, de modo a evitar situações como a relatada por Gonçalves e Vaz (2025, p. 92, grifos nossos)⁴:

Marina [aluna vidente da turma observada], apesar da pouca idade, **se refere à colega cega como “tadinha”, abreviatura de “coitadinha”, palavra relacionada à penúria que, ao ser empregada no diminutivo, vê acentuar o sentido que carrega.** A professora, sem muito êxito, se esforça para contradizer a pequena. São contra essas marcas deixadas pelo disseminado modelo médico que pessoas com deficiências se voltam, pois rejeitam o sentimento de pena e a caridade, reivindicando respeito e direitos.

Educação e literatura (infantil): a formação da criança enquanto cidadão

Embora ainda existam grandes discussões em torno do conceito de literatura, Cosson (2005) apresenta uma definição que se mostra suficiente para este estudo. Segundo o autor, é no texto literário que se encontram o senso de si e da comunidade a que se pertence. Para ele, “a literatura é uma experiência a ser realizada” (Cosson, 2005, p. 17). Isso significa que

A experiência literária **não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.** Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia **são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor.** Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos (Cosson, 2005, p. 17, grifos nossos).

É por isso que, para Cosson (2005), a literatura tem (e precisa manter) um espaço fundamental nas escolas, no entanto, é preciso que essa escolarização promova a formação de

⁴ Em sua pesquisa, Gonçalves e Vaz baseiam-se em observações realizadas em uma instituição pública de Educação Infantil localizada em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.



tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque **nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem** (Cosson, 2005, p. 30, grifos nossos).

A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções.

Esse reconhecimento da contação dentro do processo de ensino-aprendizagem faz com que ela seja compreendida não apenas como um recurso didático que “auxilia na aprendizagem da criança, fazendo uso do lúdico no momento do ensino” (Cardoso; Faria, 2016, p. 2), mas como uma prática linguístico-literária de mediação cultural e afetiva, visto que



a história [contada] **permite o contato das crianças com o uso real da escrita**, leva-as a conhecerem novas palavras, **a discutirem valores** como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, **desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico**, **auxiliam na construção da identidade do educando**, seja esta pessoal ou cultural, **melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais** e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança (Souza; Bernardino, 2011, p. 247, grifos nosso).

Desse modo, um ponto levantado por Costa (2020) e Souza e Bernardino (2011), e que tem importância primordial para essa discussão, é o fato de que a figura do professor/contador de histórias se torna central, pois é ele quem possibilita que o texto literário seja vivido, compartilhado e reinterpretado coletivamente, transformando o ato de ouvir histórias em uma experiência estética e educativa. Então, ao pensar no preparo desse docente, Souza e Bernardino (2011, p. 245) constroem indicações para a prática pedagógica mediada pela contação de histórias, a saber:

1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
2. Conhecer detalhadamente a história que contará;
3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige;
4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;
5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler;
6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisar “O Livro Negro das Cores”, de Menena Cottin e Rosana Faria, é mergulhar em como a literatura infantil pode, de fato, ser uma ponte para a diversidade. O livro não apenas fala sobre as diferenças, mas convida o leitor a vivenciá-las pela sensibilidade e imaginação, expandindo seu repertório de mundo de forma significativa e profunda. Isso porque, como afirma Souza e Bernardino (2011, p. 241),

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científico, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive.

Nesse contexto, considera-se que o livro (e a contação dele) desperta a sensibilidade e a empatia não só por sua temática — o olhar de uma criança surda acerca das cores — mas também por apresentar uma poética sinestésica (Ruiz; Martins, 2013), ou seja, *O Livro Negro das Cores* apresenta as cores por meio de uma descrição conotativa, possibilitando evocar sensações por meio de palavras e potencializar o texto literário “para que o leitor, vidente ou não, redescubra e (re)crie de forma imaginativa o mundo sinestésico no qual a visualidade não



é imperativa” (Ruiz; Martins, 2013, p. 168). Além disso, ancorando-se em Ruiz e Martins (2013), é possível perceber que, embora o discurso da obra não privilegie a cor como experiência puramente visual, as autoras partem de sua dimensão visual como ponto de partida para estabelecer analogias entre a visão e outras formas de percepção sensorial, como o paladar, o tato e o olfato. Desse modo, *O Livro Negro das Cores* não se orienta pela denotação nem pela descrição objetiva das cores, mas mostra o potencial da linguagem em ressignificar as cores, atribuindo-lhes sentidos simbólicos, afetivos e sensoriais que ultrapassam o visível e convidam o leitor a reinterpretar o mundo a partir de novas experiências perceptivas.

Sendo assim, ao afirmar que “o amarelo é quente como o sol”, “o marrom tem gosto de chocolate” e “o verde cheira a grama recém cortada”, o texto transforma a cor, um conceito tradicionalmente visual, em uma experiência plurissensorial, evidenciando o caráter sinestésico da obra, já que “Há sinestesia [...] quando se cruzam duas sensações” (Ruiz; Martins, 2013, p. 175). Então, ao retirar as cores do campo visual e ressignificá-las por meio de outras sensações, como o olfato, o tato ou o paladar, a obra promove uma reimaginação sensorial do mundo. O verde, por exemplo, “cheira” — e esse ato de cheirar desperta um sentido que não se vincula à visão, mas à experiência do olfato. Essa abordagem amplia o conceito de cor, tornando-o acessível também àqueles que não podem vê-la, e cria um canal de comunicação entre diferentes modos de perceber e sentir o mundo, reforçando o valor inclusivo e poético da narrativa.

Há de observar também, além do conteúdo, o material do livro, que também se constitui como um importante objeto de análise por se tratar de uma obra pensada para as crianças cegas ou com baixa visão. De início, elementos como as páginas de fundo preto, as ilustrações em relevo e a presença do sistema Braille podem parecer transformar a leitura em uma experiência tátil e inclusiva. Entretanto, como aponta Araujo (2017, p. 126), o livro, embora se apresente como um material “esteticamente muito bonito”, ainda apresenta fragilidades no reconhecimento tátil: “as fontes apresentam-se muito reduzidas, desconsiderando os usuários de baixa visão, e o relevo não tem altura nem variação de textura que permita uma boa discriminabilidade háptica. Foi também o único livro em que o Braille não está presente na capa” (Araujo, 2017, p. 126). Tais limitações técnicas, longe de desqualificar a obra, reforçam a importância da mediação docente e de práticas de leitura compartilhadas que assegurem a participação plena de todos os estudantes no encontro com a literatura.



Para além disso, a leitura de *O Livro Negro das Cores* se aproxima de uma experiência artístico-literária completa, na qual as crianças não apenas aprendem sobre as cores, mas são levadas a cultivar a empatia, o respeito e a curiosidade genuína pelas diferentes formas de existir e perceber o mundo. Dessa forma, a contação de histórias surge, nesse contexto, como uma ferramenta essencial para potencializar o trabalho pedagógico com *O Livro Negro das Cores* na Educação Infantil. Souza e Bernardino (2011) ressaltam que a narração de histórias é fundamental para a formação de leitores sensíveis e críticos, pois permite à criança lidar com emoções, construir laços afetivos e compreender o mundo por meio da palavra e da imaginação.

Ao ler ou contar *O Livro Negro das Cores*, o educador pode propor atividades de associação entre cores e sensações, estimulando a percepção multissensorial: o vermelho pode ser associado ao sabor de uma fruta, o azul ao som do mar, o verde ao cheiro da grama. Esse tipo de prática, além de promover a inclusão de crianças cegas ou com baixa visão, estimula todos os alunos a perceber o mundo de maneira ampliada, cultivando a empatia e o respeito à diferença. Assim, como disserta Barros (2013), a literatura infantil passa a ser vista como um meio de despertar a imaginação e o pensamento crítico, permitindo à criança interpretar o mundo sob novas perspectivas e reconhecer-se como sujeito ativo na construção da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro “O Livro Negro das Cores” ressaltou a capacidade da literatura infantil de sensibilizar e incluir, a obra convida a uma reflexão sobre a diversidade de uma maneira mais significativa e lúdica. Ao contar a história de um menino cego que compreende o mundo por meio dos sentidos, a narrativa amplia a visão sobre as diversas formas de perceber sentir a realidade, convidando o leitor a desenvolver empatia. A obra traz a possibilidade de fazer as crianças entenderem sobre as diferenças de maneira sensível, permitindo que se aproximem de realidades diversas.

A obra traz uma experiência sensorial, sem a presença da visão, um dos seus destaques para essa experiência é a linguagem poética e sinestésica. Como Ruiz e Martins afirmam, essa construção estética desafia a ideia convencional de leitura limitada ao olhar e sugere uma experiência literária fundamentada na imaginação, nas emoções e na percepção corporal. Assim, a literatura se estabelece como um espaço para expressar e valorizar as diferenças desenvolvendo-se um aprendizado que une arte, linguagem e inclusão.



Portanto, mesmo apresentando algumas limitações por conta do relevo do sistema braille no material, a obra pode ser utilizada como uma ferramenta importante para a formação de leitores e para o desenvolvimento da imaginação das crianças, auxiliando a inspiração de novas posturas, valores e sensibilidade dentro e fora da escola.

AGRADECIMIENTOS

Agradecemos a Deus, por nos conceder sabedoria, saúde e perseverança ao longo da nossa caminhada acadêmica que, apesar de desafiadora, segue favorecendo a construção de bons caminhos e diálogos, como a escrita deste artigo. Às nossas famílias, que constituem nossa rede de apoio e afeto, sustentando-nos com amor, incentivo e compreensão em cada etapa dessa trajetória. À Escola de Aplicação Professor Chaves (EAPC), instituição em que estudamos juntos durante sete anos, e que foi essencial para nossa formação humana, intelectual e social. À criação do Espaço Literário das Crianças (CE/UFPE), lugar que inspira e reafirma a importância da literatura como experiência formadora, inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

ADURENS, Fernanda Delai Lucas; PROSCENCIO, Patrícia Alzira; WELICHAN, Danielle da Silva Pinheiro. Reflexões sobre a diversidade na educação infantil: um olhar para a formação de professores. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 150-163, 2018.

ARAÚJO, Erick Vasconcelos. **Parâmetros para análise de livros infantis em braille e com ilustrações em relevo**. 2017. 169f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2017.

BARROS, Paula Rúbia Pelloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, Moacir Alves de. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 07, p. 1-10, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do Ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.



COSTA, Aline de Cássia da. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança:** uma revisão bibliográfica. 2020. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em em Docência no Ensino Superior) – Instituto Federal Goiano, Ipameri, 2020.

GONÇALVES, Gisele Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Desafios de brincar e conviver: experiências entre crianças cegas e videntes na educação infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 26, n. 1, p. 86-97, 2025.

OLIVEIRA, Zilma De Moraes Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013.

RUIZ, Tássia; MARTINS, Rosane Fonseca de Freitas. A poética sinestésica em O Livro Negro das Cores: a cor como informação na ausência da visão. **Intexto**, Porto Alegre, n. 29, p. 165-182, 2013.

SANTANA, Meriane Lacerda. **Educação infantil:** a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança. 2020. 45f. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

